

Editorial: Democracia nas ruas

Transcorrido um ano das chamadas “jornadas de junho”, o desafio da análise à luz dos referenciais teóricos e conceituais das ciências sociais permanece latente. Se, por um lado, o lapso temporal cria algumas facilidades, por outro, recoloca novas dificuldades, já que estamos diante de fenômenos dinâmicos de mobilizações coletivas. Ainda que com graus de mobilização e significados possivelmente distintos, ainda hoje as ruas se revelam como cenário privilegiado de reivindicações as mais diversas.

A heterogeneidade presente em fenômenos de mobilização coletiva — como a que tivemos nas “jornadas de junho” — também marca o esforço da análise, especialmente no campo da teoria social. Uma prova é a diversidade e riqueza de trabalhos que temos o prazer de apresentar neste número da Enfoques. Por outro lado, o conjunto dos artigos demonstra um ponto com o qual é difícil discordar: as

“jornadas de junho” nos fizeram pensar e refletir sobre o papel da rua como catalisadora do descontentamento, como palco dos protestos, como termômetro do ativismo político e *locus* privilegiado de (re)afirmação da juventude como ator coletivo.

Foi esse caráter aparentemente extraordinário dos fatos protagonizados nas ruas que fundamentaram a decisão de organizar esta edição, tomada em um momento de efervescência das manifestações ocorrendo em todo país, mas que exigem dos cientistas sociais respostas diante dos significados que estavam em disputa em torno das mobilizações. O estudo de um fenômeno no momento histórico de seu próprio decurso poderia sugerir que era cedo para propor uma análise ou arriscar a oferecer uma conclusão. Recebemos várias observações neste sentido, desconfiando que pudessem ser feitos estudos te-

oricamente confiáveis sobre as manifestações. Como já dizia Hegel, a coruja de Minerva só alça voo quando chega o crepúsculo. Se, por um lado, o esforço analítico depende da reconstituição das mediações teóricas e conceituais em sua relação com a realidade, por outro, nos condenar a “esperar” representaria desconsiderar que estamos diante de fenômenos que, por sua gênese, são dinâmicos e heterogêneos e que, como cientistas sociais, seríamos meros contempladores dos processos históricos.

A importância de realizar um registro acadêmico das mobilizações coletivas ensaiadas recentemente nos fez ter a certeza de que este número valeria a pena. Se os jovens se manifestam nas ruas, os (também jovens) pesquisadores também refletem sobre tais significados (e, porventura, também se manifestam!). Teria sido uma pena deixar passar o momentum pelo temor que o calor dos acontecimentos pudesse ofuscar a lucidez dos olhares sobre o que acontecia, confiando em que o tempo podia render mais transparentes

fatos tão complexos como as mobilizações de rua. Acreditamos que a escolha foi acertada, pelo menos como um registro, uma imagem instantânea da tentativa mais imediata de quem busca analisar a realidade social em um momento onde se escutavam muitas opiniões, mas pouca análise.

Assim, organizar uma edição intitulada “A democracia nas ruas” funcionou como um ato político, uma decisão sobre registrar, no calor dos acontecimentos, o esforço intelectual de pensar a sociedade em movimento. Durante o segundo semestre de 2013, muitas manifestações de apoio às ruas surgiram dentro e fora da academia, especialmente a partir dos que se dedicam a refletir sobre processos democráticos no país.

Por parte da academia, uma iniciativa dos estudantes dos quatro programas de pós-graduação em Ciências Sociais do Rio de Janeiro — UFRJ, UERJ, UFF e UFRRJ — corroborou à ideia de que como cientistas sociais não podemos nos furtar à

participação dos processos que nos envolvem em nossa vida cotidiana. A carta "De que lado estamos?", assinada pelos discentes, denunciava a criminalização dos grupos e movimentos sociais que reivindicavam a defesa da democracia e apontava as violações de direitos humanos cometidas pelo Estado brasileiro no genocídio da população indígena, na remoção de moradores e gentrificação dos bairros e periferias das grandes cidades e na limitação do legítimo direito de ir e vir através da precarização dos serviços de transporte público. Diante das truculentas ações da Polícia Militar e da priorização do capital nos investimentos estratégicos dedicados à realização dos chamados "megaeventos", a Enfoques entendeu ser parte de seu papel abrir espaço para as reflexões produzidas pelas ciências sociais no decorrer desses acontecimentos.

Portanto, o resultado que apresentamos conta com importantes colaborações recebidas de diferentes partes do

Brasil e ainda da América Latina, nos dando a oportunidade de conhecer pessoas, lugares e acontecimentos registrados sob a perspectiva das ciências sociais in loco. Exatamente um ano após a manifestação que reuniu cerca de 1 milhão de pessoas, na Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, fechamos esta edição cercados de turistas estrangeiros, atraídos pela Copa do Mundo, evento que vem motivando várias das mobilizações, que ainda seguem em curso.

Foi com base nessas intenções que a Revista Enfoques busca oferecer uma contribuição à temática, publicando, no presente número, algumas pistas e reflexões sobre o fenômeno das mobilizações coletivas recentes. Abrimos a edição com um texto introdutório do professor Raul Rojo, elaborado especialmente para a presente edição.

Rio de Janeiro, 21 de junho de 2014.

Editores da Revista Enfoques.

Keila Lucio de Carvalho, Doutoranda em Sociologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ, Professora da Coordenação de Sociologia – CEFET/RJ

Yago Quiñones, Doutorando em Antropologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ

Renata Montechiare, Doutoranda em Antropologia pelo PPGSA/IFCS/UFRJ, Pesquisadora do "LAARES – Laboratório de Antropologia da Arquitetura e Espaços"